



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Gestão de Políticas Públicas

Departamento de Administração

IZABELLA TORRES MONTENEGRO

ECONOMIA COMPARTILHADA NOS ESPAÇOS DE TRABALHO:

***Coworking* e seus impactos positivos nas pessoas e organizações**

Brasília – DF

2021

IZABELLA TORRES MONTENEGRO

ECONOMIA COMPARTILHADA NOS ESPAÇOS DE TRABALHO:
***Coworking* e os impactos positivos nas pessoas e organizações**

Monografia apresentada ao Departamento de Administração como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Professor Orientador: Dr. João Carlos Neves de Paiva

Brasília – DF

2021

IZABELLA TORRES MONTENEGRO

**ECONOMIA COMPARTILHADA NOS ESPAÇOS DE TRABALHO: *Coworking* e seus
impactos positivos nas pessoas e organizações**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de
Administração da Universidade de Brasília da aluna

Izabella Torres Montenegro

Prof. Dr. João Carlos Neves de Paiva
Professor-Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Amélia de Paula Dias
Professora-Examinadora

Prof. Ms. Gilmar Santos Marques
Professor-Examinador

Brasília, 17 de maio de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Fernando, por todo o apoio e incentivo. Agradeço também ao meu orientador, João Carlos, por toda a ajuda, paciência e dedicação nesse processo de conclusão do trabalho.

RESUMO

Os *coworkings*, novo modelo organizacional de trabalho inserido dentro do conceito da economia compartilhada, vem se tornando uma alternativa aos padrões tradicionais de trabalho. Baseado em valores como sustentabilidade, acessibilidade e colaboração, esses espaços são escritórios compartilhados que reúnem empreendedores e profissionais de diferentes áreas do conhecimento, com diferentes histórias e desafios a serem superados. Essas diferenças se unem e convergem em busca de um objetivo comum: o desenvolvimento de negócios de sucesso por meio de redes de relacionamentos que potencializam o processo empreendedor, de motivação e inovação. Este estudo tem como objetivo descrever o modelo organizacional do *coworking* e analisar os possíveis impactos que ele pode causar na forma de trabalhar dos usuários desse modelo organizacional. Para o alcance dos resultados foi realizada uma pesquisa exploratória, e coleta de dados trabalhados por meio de análise de conteúdo. Os resultados demonstraram a efetividade do *coworking*, cumprindo com os valores de colaboração e compartilhamento valendo-se, principalmente, da rede de relacionamentos e redução de custos, em um ambiente agradável e criativo, composto por pessoas de diversas idades e profissões que buscam o compartilhamento de ideias, espaços e experiências.

Palavras-chave: *Coworking*, Compartilhamento, Economia colaborativa, Ambiente de trabalho, Consumo colaborativo.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Características físicas dos espaços de <i>coworking</i>	10
Gráfico 2 – Evolução dos espaços de <i>coworking</i> no Brasil.....	16
Gráfico 3 – <i>Coworking</i> por cidade.....	16

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	<i>Contextualização</i>	2
1.2	<i>Formulação do problema de pesquisa</i>	2
1.3	<i>Objetivo Geral</i>	2
1.4	<i>Objetivos Específicos</i>	2
1.5	<i>Justificativa</i>	2
2	REVISÃO TEÓRICA	3
2.1	<i>Economia compartilhada</i>	3
2.2	<i>Trabalho compartilhado</i>	4
2.3	<i>O conceito de coworking: histórico e definições</i>	6
2.4	<i>Vantagens e valores</i>	8
2.5	<i>Comportamento organizacional</i>	10
2.6	<i>A situação dos coworkings atualmente</i>	15
3	MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA	17
3.1	<i>Coleta de dados</i>	17
3.2	<i>Características da amostra</i>	17
3.3	<i>Procedimentos de coleta e de análise de dados</i>	18
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
4.1	<i>Visão do ambiente de coworking</i>	20
4.2	<i>Impacto do ambiente de coworking no processo de trabalho</i>	21
4.3	<i>Impacto nos processos de motivação</i>	25
4.4	<i>Impacto no processo de criatividade</i>	27
4.5	<i>Impacto no processo de inovação</i>	28
4.6	<i>Impacto do home-office</i>	29
6.	CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÃO	30
	REFERÊNCIAS	32
	APÊNDICES	38
	APÊNDICE A	38

1 INTRODUÇÃO

“A ciência da administração vem sendo cada vez mais desafiada e superada em um número cada vez maior de problemas decorrentes da transição pela qual passa o mundo contemporâneo” (Gil, 2009, p. 31). Essa transição vem ocorrendo também no ambiente organizacional e na forma como as pessoas avaliam esses ambientes.

Para Vischer (2012), o trabalho é um processo de atividades vinculadas e, dessa forma, faz-se necessário um ambiente de trabalho que assuma a forma de um espaço físico capaz de realizar as metas definidas para o cumprimento de objetivos. De acordo com Taylor, Mellor e Carter (2015), a sociedade moderna faz com que as pessoas se transformem em nômades modernos, mudando de local de residência e/ou trabalho frequentemente. Além disso, a tecnologia acelerou esse processo de individualização do trabalho, transformando as pessoas em nômades por um período de redução de espaços físicos.

Segundo Carvalho (2012), um modelo de trabalho que antes era baseado em valores rígidos, como eficiência, padronização do trabalho, divisão e competição vem sendo transformado para princípios mais solidários, pautados em valores que visam cada vez mais o bem-estar humano.

Diante dessa mudança organizacional para um processo mais dinâmico e descentralizado, os tradicionais modelos de administração estão sendo substituídos por princípios mais inovadores (Motta, 1993), e os *coworkings* “vêm com a expectativa de ser o novo modelo de trabalho no contexto da economia de colaboração e compartilhamento” (BOTSMAN; ROGERES, 2011, p. 11).

Os espaços e ambientes de *coworking* são relevantes como objeto de estudo pois vêm demonstrando ser uma solução para organizações e pessoas que não têm espaço suficiente para trabalhar e querem sair do modelo rígido de utilização de espaços de trabalho tradicionais. Dessa forma, busca-se mais liberdade e estímulo à criatividade e à inovação e que estejam cada vez mais motivados, dado que esses ambientes de trabalho compartilhado significam menos isolamento social, principalmente para trabalhadores independentes ou para as pequenas *startups*, tornando mais acessível um ambiente físico com as estruturas necessárias e menor custo.

1.1 Problema de pesquisa

O presente trabalho visa explorar o tema da economia compartilhada no âmbito do trabalho, que surgiu com a denominação *coworking*. Mais precisamente, o problema de pesquisa é “investigar e descrever” o funcionamento de uma estrutura *coworking*”, avaliando os impactos de se trabalhar em um ambiente com tais características.

1.2 Objetivo geral

O objetivo geral é descrever a dinâmica do funcionamento de uma estrutura de *coworking* e as suas vantagens e desvantagens. Nesse sentido, será pesquisado uma estrutura física de *coworking* localizada na região central de Brasília (DF).

1.3 Objetivos específicos

- a. Interpretar depoimentos de pessoas que trabalham nesses ambientes;
- b. Relatar percepções das pessoas que trabalham nesses ambientes;
- c. Analisar os possíveis impactos nos processos de trabalho dos usuários de *coworking*.
- d. Investigar impactos no ambiente de trabalho.

1.4 Justificativa

O mundo está mudando e se desenvolvendo constantemente, e assim também acontece com o sistema organizacional, que desenvolve novas necessidades e tendências. O *coworking*, com novos princípios de trabalho, vem se tornando uma tendência internacional de rápido crescimento nos ambientes corporativos de todo o mundo. No Brasil, ainda que inicialmente de forma tímida se comparada a outros países, o sistema de trabalho compartilhado também se tornou um mercado em expansão e que vem ganhando cada vez mais importância e aderência por parte das pessoas.

Esse estudo pretende demonstrar a relevância que esse novo conceito de espaço de trabalho pode propiciar ao mundo corporativo e à vida dos trabalhadores, onde inúmeros benefícios podem ser desenvolvidos ao compartilhar um espaço com profissionais de diversas áreas. Além disso, é um fenômeno que pode vir a ser um incentivo ao empreendedorismo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Economia compartilhada

A economia compartilhada é um modelo recente que está trazendo a concepção do compartilhamento e do acesso aos bens e serviços, em vez da concepção de propriedade, muito difundida nos últimos anos. Segundo Gansky (2011), em um mundo onde o ter é muito valorizado, é importante que surjam novos modelos de consumo, cuja lógica seja oposta à do modo de produção dominante, em que o elemento propulsor é o ato de possuir e acumular a maior quantidade possível de bens (SINGER, 2002).

Para Belk (2013), em vez de comprar e possuir coisas, os consumidores estão preferindo, de forma cada vez mais intensa, optar por somente ter acesso temporário a bens, isto é, pagar pela experiência de uso em vez da sua posse. Embora a solução “gastar mais, consumir mais” funcione em curto prazo, ela não é sustentável nem saudável, afirmam Bostman e Rogers, (2011).

Nesse contexto, para Gansky (2010) a economia compartilhada ou colaborativa passa a ser empregada diariamente na vida das pessoas em práticas simples e bastante conhecidas, como pedir carona, hospedar amigos, utilizar bibliotecas e transportes coletivos e/ou dividir o espaço de trabalho com um colega. Vários setores de serviços têm seguido essa mudança, como bancos, músicas, imagens, filmes e atualmente vêm se expandindo também para bens físicos e espaços como casas, hotéis e espaços de trabalho. Portanto, “a facilidade com que indivíduos, mesmo estranhos uns aos outros, agora podem se conectar, trocar, compartilhar informações e cooperar é realmente transformadora” (SCHOR, 2014, p. 6). Segundo Bostman e Rogers (2011), o compartilhamento apresenta um grande sentido prático e econômico, não só para o consumidor, mas também para o meio ambiente e a comunidade como um todo.

Para Andrade e Pinto (2017), o consumo colaborativo é uma inovação social que pode ser visto como um estilo de vida e vem se expandindo à medida que as pessoas adotam práticas de compartilhamento e se identificam com esse modelo. Lentamente, colaboração e compartilhamento tornam-se práticas comuns de consumo pois, uma vez que experimentam o poder do compartilhamento é natural que as pessoas continuem aplicando a mesma lógica em várias práticas de sua vida no dia a dia, criando uma tendência de longo prazo em relação ao compartilhamento de recursos finitos.

É importante frisar que a aderência à economia compartilhada pelas pessoas pode ter diversas motivações e podem ser incentivadas por comportamentos e valores pessoais. Para Schor (2014) a participação nas atividades da economia compartilhada pode ser motivada por fatores econômicos, ambientais e sociais, a exemplo de como ganhar dinheiro, economizar ou visar relações e transformações sociais.

2.2 Trabalho compartilhado

A história da organização do trabalho, como a da vida social é, em essência, a história da mudança. Segundo Motta (1998), na época da revolução industrial a eficiência era vista como um dos valores primordiais, surgindo de princípios como coordenação, padronização, divisão do trabalho e competição. Tais valores competem com princípios solidários, do bem-estar humano e, também, da sustentabilidade, podendo gerar relações sociais indiferentes, que abrem espaço para um maior distanciamento social, desigualdade e danos ambientais, visto que os recursos estão cada vez mais escassos (MOTTA, 1998).

Para Carvalho (2012), a colaboração na atualidade passa a ser uma solução frente às formas rígidas que foram desenvolvidas no passado e deixaram resquícios no modelo de trabalho tradicional, abrindo espaços para os valores pós-modernistas com organizações pautadas na informação, tecnologia e maior flexibilidade:

“Em vez de arregimentação, desmobilização de pessoas; em vez de especialização do trabalho, *multi-skilling* e base em equipe; em vez de estruturas e controles rígidos, alta flexibilidade e descentralização; em vez de submissão, responsabilidade; e em vez de comunicações restritas, habilidades de comunicação ampla e intensiva” (MOTTA, 1998, p. 19).

A partir desse novo momento da história do trabalho, os *coworkings* se apresentam com a expectativa de ser um modelo capaz de colocar em prática os discursos produzidos por essa nova forma de gestão, que é marcada por valores flexíveis, decorrentes da exaustão de modelos mais antigos e tradicionais de trabalho (ZANON, 2018).

Para Pohler (2012) o modelo de *coworking* pode ser considerado uma ruptura, assim como uma alternativa para essa redefinição das relações de trabalho. Esses espaços surgem como resultados de buscas por estratégias para lidar com situações de trabalho problemáticas, sendo também visto como a resolução de um problema para muitas pessoas. As organizações flexíveis se tornaram alternativas “(...) muito demandadas por trabalhadores que já não se encaixam mais

em padrões fordistas de décadas anteriores e que vêm buscando um modelo de trabalho mais alinhado com as demandas de trabalho atual”, modelo esse que apoie a economia criativa, as relações sociais e que dê suporte à inovação e ao empreendedorismo. (CAMPOS, 2015, p. 20). Vieira (2015, p. 13) também cita a importância de um “modelo capaz de oferecer um ambiente mais estimulante, mais aberto e amparado por serviços que viabilizem essa interação, troca, e parcerias, com o objetivo de promover a criatividade e de desburocratizar o modelo de trabalho”.

A relação entre economia compartilhada e os espaços compartilhados de trabalho é que a primeira não existe sem a colaboração entre os participantes e é fornecida por meio da formação de uma comunidade, conforme Andrade e Pinto (2017). Nesse processo, as plataformas de economia compartilhada estão facilitando a participação de indivíduos nas comunidades, oferecendo novas possibilidades para os trabalhadores virtuais, não apenas se reunirem fisicamente, mas também cooperarem facilmente e tirar proveito de serviços mais baratos, envolvendo “o acesso a ativos físicos compartilhados — escritório, infraestrutura, lanchonete, dentre outros — e ao compartilhamento de ativos intangíveis, como informação, conhecimento, tempo, espaço e habilidades (BOUCKEN, 2016, p. 9).

Botsman e Rogers (2011) afirmam que pessoas com interesses similares estão se aproveitando desse tipo de espaço para compartilhar e trocar ativos menos tangíveis, entrando em contato com outras formas de serviços de consumo colaborativo, podendo propiciar uma melhoria no seu estilo de vida. Nesse contexto, Spinuzzi (2012) alerta que trabalhar sozinho pode prejudicar pequenos empreendedores, quando se veem isolados de oportunidades de criação de redes de confiança, com acesso limitado à infraestrutura e sem barreiras firmes entre a vida pessoal e profissional.

Reconhecida e assimilada a importância do sistema de compartilhamento de ambientes de trabalho como lugares onde as pessoas visam um objetivo comum, tal perspectiva vai além do tangível. Nesse sentido há, também, o compartilhamento de outras coisas, como experiências e intercâmbio de conhecimentos, capazes de gerar um sistema potencial para a criação de novos negócios, como afirmam Andrade e Pinto (2017). Esse tipo de ambiente foi denominado por Hillman (2008, p. 1) como “aprendizado acidental”. Hamari (2016) também destaca os benefícios de fazer parte de uma comunidade e apresenta essa dinâmica como um motivador importante, podendo proporcionar sentimentos como alegria, reconhecimento, autoconfiança e satisfação.

Diante desse quadro, evidencia-se que ambientes de trabalho compartilhados fazem parte de um novo ramo da economia colaborativa, podendo ser motivada por motivos financeiros, conveniência ou sociais. Muitas empresas e profissionais que procuram diminuir custos e aumentar a produtividade por meio de novas tecnologias, lugares e novos processos podem ser beneficiados, tão prontamente constatem estar apoiados por novos valores que se façam presentes nesses espaços (ZANON, 2015).

2.3 O conceito de *coworking*: histórico e definições

O *coworking* surgiu na cidade de São Francisco, no estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Segundo Jackson (2013), o termo foi utilizado pela primeira vez por Brad Neuberg, em 2005, para descrever um espaço de trabalho compartilhado por alguns colegas de trabalho que precisavam de espaço para executar suas atividades. A esse respeito, para Neuberg (2009), o que o motivou a criar tal espaço foi o fato de que não havia um meio-termo. Segundo ele:

“Tradicionalmente, a sociedade nos obriga a escolher entre trabalhar em casa, para nós mesmos, ou trabalhar no escritório de uma empresa. Se trabalharmos em um emprego tradicional, das 9h às 17h, obtemos comunidade e estrutura, mas perdemos a liberdade e a capacidade de controlar nossas próprias vidas. Se trabalharmos para nós mesmos em casa, ganhamos independência, mas sofremos solidão e maus hábitos por não estarmos cercados por uma comunidade de trabalho” (NEUBERG, 2009, p. 1).

A ideia principal era que o local fosse projetado para ser um ambiente produtivo, inovador, colaborativo e, a princípio, informal. Na época, o modelo deu certo e começou a se expandir. Na cidade de São Francisco (EUA), por ser considerado um grande centro de cultura, tecnologia, inovação e empreendedorismo, ajudou muito a rápida difusão dos tais espaços (MISKOLCI, 2014).

Além disso, o contexto de transformações políticas, sociais e econômicas da época também ajudaram a atrair um público com as características desse novo perfil de trabalhador, que estava repensando padrões de trabalho de Martel (2015). “Atualmente, há grande concentração desses espaços em grandes cidades, consideradas criativas, como São Francisco, Londres, Paris, Berlim, Amsterdã e Barcelona” (MORISSER, 2014, p. 12).

Como afirma Merkel (2015), esse processo tem sido um movimento global descentralizado e altamente reflexivo. No Brasil, os primeiros movimentos de implantação de estruturas de *coworking* foram dois anos depois do surgimento do primeiro, em 2007, mostrando-se como tendência cada vez maior no mercado de trabalho atual, principalmente por “apresentar

vantagens como o baixo custo e estrutura adequada para atender pequenas empresas, autônomos e teletrabalhadores” (MEDINA e KRAWUSKY, 2014, p. 182).

O *coworking* pode ser entendido como um ramo do consumo colaborativo que vem ganhando mais espaço e novos adeptos a cada dia. O modelo surgiu da necessidade de determinados profissionais no sentido de baratear os custos dos escritórios e toda estrutura envolvida, bem como obter maior flexibilidade, tanto de horários quanto de locomoção.

Segundo Andrade e Pinto (2017) também a criação de comunidades e laços de amizade, basicamente foi e ainda é um dos principais diferenciais desses ambientes. Para DeGuzman e Tang (2011, p. 22) esses ambientes são “compostos de diversas pessoas, que não necessariamente estão na mesma empresa ou participam do mesmo projeto, mas compartilham o mesmo ambiente de trabalho e recursos”.

Jackson (2013), define o *coworking* como um movimento de pessoas que não têm onde trabalhar, mas precisam de um espaço. Dessa forma, então elas passaram a se juntar e formar uma estrutura de *coworking*. De maneira similar, Medina e Krawulski (2015), consideram o *coworking* uma modalidade de trabalho na qual profissionais de diferentes áreas, sem local fixo de trabalho, buscam ampliar sua rede de contatos, compartilhando espaços e serviços de escritório.

Portanto, os *coworkings* foram criados, antes de tudo, para serem espaços de interação social e conexão de organizações e indivíduos, que:

“(…) que buscam que a oportunidade de colaborar no ambiente de trabalho, compartilhando conhecimento e se beneficiando de soluções sistêmicas apresentadas pelo próprio espaço para problemas que estão tentando resolver (SURMAN, 2014, p. 189).

Para Spinuzzi (2014) esses espaços fomentam uma pluralidade de identidades e pensamentos que se tornaram uma característica fundamental desses ambientes. Morisset (2014, p. 2) chegou a considerar esses espaços “aceleradores de acaso” pois, são considerados “locais que acabam hospedando pessoas criativas e empreendedoras que se esforçam para romper o isolamento e encontrarem um ambiente de convívio que favoreça reuniões e colaboração, com a vantagem de ser “um escritório aberto para interações, pessoas e ideias”.

Observa-se, também, que os ambientes de *coworking* possibilitam acesso a serviços fundamentais para empresas que estão iniciando suas atividades, como *startups*, pois oferece

uma significativa infraestrutura, permitindo o controle de custos e reduzindo investimentos. Além disso, não só as pequenas empresas se beneficiam do acesso a esses escritórios, com menores custos, mas também aportam benefícios valiosos a profissionais que Morisset (2014, p. 5) denominou “águias solitárias”, ou seja, trabalhadores que podem viver e trabalhar em praticamente qualquer lugar, devido aos avanços da tecnologia e telecomunicações, mas que por vezes se sentem isolados.

O perfil dos ambientes de *coworking* costumam ser muito variados, não existindo regras nem estereótipos, pois cada local busca atender diferentes necessidades. Andrade e Pinto *et al.* (2017) elencaram algumas características em comum. Para esse autor, o perfil dos usuários, em sua maioria, são pessoas com estilo de vida digital, isto é, mais conectados à Internet e adeptos da tecnologia. Além disso, são pessoas bem-informadas e abertas.

Também é possível afirmar que, em sua maioria, os usuários desses ambientes possuem profissões pertencentes à chamada economia criativa (ANDRADE e PINTO, et al, 2017), uma economia que tem como foco as atividades baseadas no capital intelectual, tendo como linha mestra e principal insumo a criatividade (DALLA COSTA e SANTOS, 2011). Isso, porque a prestação de serviços organizacionais e escritórios flexíveis, procuram “favorecer a socialização dos usuários, garantindo funcionalidades tais como conectividade virtual eficiente e acessibilidade” (MEDINA e KRAUWULSKI, 2015, p. 187).

Por fim, pode-se inferir que o *coworking* é considerado um movimento fundamentado na necessidade de flexibilidade e da troca baseada na interação. Ele se sustenta em valores construídos e partilhados entre seus membros e “propaga-se pelo compartilhamento de ideias, conhecimento, vivência, práticas, entre outras atividades que podem acontecer no interior destes espaços” (MESQUITA; POZZEBON e PETRINI, 2020, p. 4), tudo isso em um modelo que oferece viabilidade financeira (PEARCE-NEUDORF, 2014).

2.4 Vantagens e valores

Os espaços de *coworking* diferem muito do sistema convencional de ambiente de trabalho e é um dos segmentos que mais vêm crescendo no mundo por oferecer uma grande pluralidade de serviços que favorecem e impactam o comportamento do indivíduo. O próprio espaço físico tem grande força sobre comportamentos coletivos (De Carvalho, 1993) e ambientes de trabalho

compartilhado visam recriar o espaço físico de forma que os usuários maximizem sua produtividade e suas interações sociais por meio de um espaço de trabalho produtivo e funcional (BOTSMAN e ROGER, 2011).

O principal diferencial das estruturas de *coworking* é oferecer um espaço para indivíduos independentes ou equipes pequenas, com infraestrutura de um escritório. Essa infraestrutura, em geral, inclui salas de reuniões, espaços para os membros realizarem ou participarem de eventos, programas de treinamento e geralmente oferecem equipamentos e ferramentas típicos de escritório ou até ferramentas de fabricação em escala micro, como impressoras 3D (PEARCE-NEUDORF, 2014).

Além dos espaços de trabalho, geralmente há sofás confortáveis, cafeteiras no estilo café, cozinhas abertas, cabines telefônicas, paredes de lousa, até uma sala de jantar. Surman (2013, p. 191) garantem que todos os espaços em que pesquisaram “possuem muita luz natural, tetos altos, objetos de arte, plantas e outros recursos e elementos que proporcionam um ambiente agradável e descontraído”. Os membros podem ainda optar por ocupar salas privativas ou compartilhadas, dependendo do tamanho de seus empreendimentos e do orçamento, sendo os valores do aluguel desses espaços substancialmente menores do que os de uma sala comercial, permitindo que profissionais autônomos e pequenas empresas que estejam iniciando suas atividades obtenham rapidamente endereços fiscais.

De acordo com Campos *et al.* (2015, p. 14), também é comum encontrar nesses espaços:

“(...)ações de formação e capacitação, a exemplo de palestras, cursos, visitas técnicas, seminários, fóruns, aulas presenciais e virtuais, conferências, ações de geração de redes de contatos, como encontros, almoços, cafés, reuniões, missões empresariais, rodadas de negócios e outras manifestações que aproximam pessoas e potencialidades”.

Além disso, ações de inovação e empreendedorismo acabam gerando engajamento entre as pessoas que trabalham nesses locais.

Apesar de não existir um modelo ideal, há uma grande pluralidade de características nesses espaços e cada lugar apresenta tipos de estrutura e serviços diferentes. Com o tempo, o mercado vem se estruturando e entendendo de forma mais precisa as demandas dos usuários, gerando mais resultados para o negócio.

De acordo com o Censo Coworking Brasil (2019), durante 2019, houve a consolidação de serviços extras, que podem trazer uma renda indireta ao espaço. De acordo com as pesquisas realizadas, 78% dos espaços oferecem endereço fiscal, 45% têm comércio de produtos de alimentação e 26% vendem inclusive bebidas alcoólicas. A sala de reuniões é a campeã em termos de estrutura obrigatória, estando presente em 98% dos espaços.

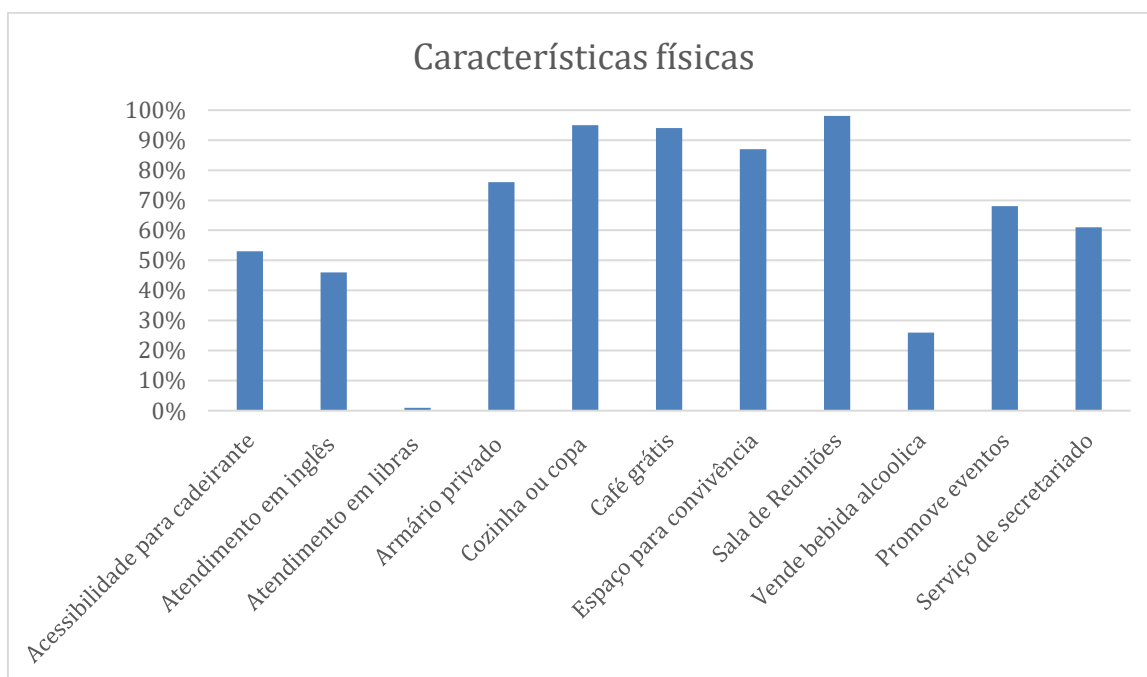


Gráfico 1 – Características físicas do ambiente.

Fonte: Censo Coworking 2019

Para Durante e Turvani (2018, p. 83) “a lógica dos espaços também é voltada para a necessidade desses profissionais independentes e pequenas empresas de trabalharem em comunidade, compartilhando não apenas conhecimentos, como também habilidades” e que podem ser mais aproveitadas e desenvolvidas em um ambiente de trabalho propício.

As pessoas que costumam frequentar ambientes colaborativos são normalmente associadas a profissionais das áreas da informação, embora os seus membros possam ser bastante variados. O grau de profissionalização pode variar de altamente corporativo a altamente descontraído, e de totalmente apolítico a centros de ativismo político (Marquez, 2008; Spinuzzi, 2012). É normal estabelecer amizades nesses ambientes, onde se celebram aniversários, almoços — dentro ou fora do ambiente de trabalho — lanches e grupos de café da manhã, confraternização e muita ajuda mútua, pessoal e profissional (ANDRADE e PINTO, et al., 2017).

É importante também ressaltar que os espaços de *coworking* não apenas oferecem vantagens para os usuários e empresas, mas também para os proprietários de imóveis que foram desocupados com a crise imobiliária. Para Botsman e Rogers (2011), o aluguel e o aproveitamento de espaços que estão subutilizados também são elementos importantes da economia compartilhada:

- I. Valores: as vantagens dos espaços de *coworking* frente aos escritórios tradicionais podem ser apresentadas também por meio dos seus valores descritos pelo Coworking Wiki (wiki.coworking.org), uma comunidade desenvolvida sobre uma plataforma colaborativa:
 - a) Colaboração: para Capdevilla (2015), a colaboração acontece quando os colegas de trabalho se apoiam principalmente para dividir os custos e conseguir acesso a elementos “privilegiados”, que sozinhos não teriam condições para tal, como um escritório no centro da cidade, com localização acessível, ferramentas de escritório especializadas, salas de reunião, entre outros, o que motivam os colegas de trabalho a colaborar; para ele, o espaço físico desses ambientes facilita a interação face a face, permitindo também a colaboração com conhecimento;
 - b) Abertura: a abertura significa que o espaço deve ser aberto a discussões de ideias, informações e pessoas, sem nenhum tipo de preconceito. Dessa forma, com essa transparência e abertura a discussões, a geração de ideias é estimulada, ao mesmo tempo que se cria um ambiente onde todos possam se sentir parte (CAMPOS, TEIXEIRA e SCHMITZ, 2015);
 - c) Comunidade: a comunidade que é formada dentro desses espaços possibilita um ambiente de contribuição e muitas trocas. Uma comunidade forte de trabalho exige que os novos relacionamentos se baseiam em laços de confiança para que aconteça o compartilhamento de informações e a ajuda mútua, que antes de se conhecerem seriam consideradas apenas concorrentes em potencial. Para a criação desses laços são importante interesses em comum e a interação contínua, de forma fácil. Essa necessidade de interação é facilmente suprida pelos *coworkings*, pois o próprio espaço físico muitas vezes oferece uma “combinação de oportunidades de contato” (RUS e OREL, 2015, p. 18);
 - d) Acessibilidade: para Lumney (2014) um espaço é acessível quando todas as pessoas utilizam o espaço por decisão própria e podem entrar e sair quando

quiserem, sem maiores burocracias. Significa também que deve ser de fácil uso ou aproximação a qualquer pessoa, como no caso de espaços com a presença de profissionais independentes, trabalhadores diários, muitas pequenas empresas e correlatos, em constante trânsito. Essa acessibilidade constrói no ambiente de *coworking* essa faceta de “seleção própria” de seus participantes

- e) Sustentabilidade: a noção de sustentabilidade dos locais de trabalho compartilhado, começa, sobretudo, no potencial de divisão de recursos tangíveis, pois há um compartilhamento de recursos, como: impressoras, energia elétrica, mobília, entre outros (Hillman, 2011) e se estende à redução do deslocamento, por se tornar mais acessível trabalhar perto de do local de residência ou de transportes públicos, já que, geralmente, esses ambientes são mais distribuídos geograficamente do que os escritórios tradicionais. Como afirma Hillman (2010) esses efeitos “verdes”, embora muitos os considerem relativamente superficiais, não devem ser subestimados.

2.5 Comportamento organizacional (motivação, inovação, criatividade)

Na sociedade atual, as empresas estão sempre buscando se destacar para sobreviverem às rápidas transformações do mundo organizacional. Segundo Wagner (2020) é essencial que elas estejam sempre buscando utilizar todos os meios e recursos para se manterem atualizadas e atuando de maneira holística e integrada. O comportamento organizacional é o estudo que ajuda a prever, explicar e compreender comportamentos dentro das organizações. O objetivo principal é identificar o que move as pessoas e como elas podem agir de maneira mais eficaz, estimulando o processo criativo e motivacional.

Para uma organização manter um bom desempenho, é fundamental que ela preze pelos seus funcionários, pois o desempenho das organizações depende diretamente do desempenho das pessoas que as formam (CHIAVENATO, 2005). O comportamento organizacional ajuda o usuário a desenvolver algumas de suas habilidades pessoais. Diversos fatores como desempenho, produtividade, criatividade, motivação e satisfação colaboram com a modificação do indivíduo e de grupos da organização dentro de seus locais de trabalho.

A motivação, inovação e criatividade são princípios do comportamento organizacional profundamente interconectadas, uma vez que, para Sabbag (2007), criatividade “é a capacidade de gerar ideias novas e inusitadas” e inovação “é a capacidade de aplicar ideias” e ambas, estão totalmente ligadas com a motivação individual (AMABILE, 1998).

Volpato e Cimbalista (2002, p. 78) afirmam que “cada dia mais o sucesso no ambiente de trabalho dependerá do potencial dos ambientes para estimular a criatividade e inovação”. O diferencial competitivo virá da capacidade de transferir conhecimentos e solucionar problemas de forma criativa e inovadora. Para isso, é importante que o ambiente apoie a colaboração, interações sociais fortuitas e um espaço para autorreflexão e pensamento (FUZI, CLIFTON e LOUNDON, 2014).

Para Bedani (2012) as organizações interessadas em fomentar a criatividade entre seus membros devem priorizar o atendimento das necessidades do elemento humano e das relações sociais. O ambiente de trabalho pode apresentar um caráter facilitador ou se constituir como um agente repressor à expressão da criatividade e ao seu aproveitamento nas organizações (ALENCAR, 2017). Não é raro o ambiente de trabalho ser extremamente inibidor de tais expressões.

A formalização, ou seja, o grau em que um ambiente enfatiza o seguimento de regras e procedimentos, é um dos principais fatores de inibição da criatividade. Van Gudy (2017) lembra que a presença de procedimentos rígidos, acompanhados por comportamentos padronizados tende a inibir a geração de propostas inovadoras no contexto organizacional e a diminuir o potencial inovativo no local de trabalho.

Muitos benefícios surgem do desenvolvimento dessas comunidades e da natureza comunicativa dos espaços de *coworking*. O incentivo à troca de ideias, conhecimentos e habilidades geram um espaço de troca e explorações, que é um passo importante para gerar soluções inovadoras para problemas sociais, ao mesmo tempo que apoia o desenvolvimento empresarial (PEARCE-NEURDORF, 2014).

Os próprios valores principais do *coworking* — comunidade, liberdade, cooperação e abertura — já sugerem que este espaço, seja de fato, favorável à criatividade. Foi observado que os lugares que funcionam como uma comunidade tem todos os elementos direcionados a oferecer a seus usuários um local agradável, no qual se possa trabalhar, interagir e desenvolver habilidades criativas. (VIEIRA *et al.*, 2015) e ainda são propícios a atrair cada vez mais pessoas

motivadas para facilitar o compartilhamento e o desenvolvimento de atividades inovadoras. (RUS; OREL, 2015).

A nova classe de trabalhadores, chamados por Rus e Orel (2015) de “classe criativa” tem demandas e aspirações específicas. Geralmente são pessoas que se recusam a trabalhar em ambientes burocráticos e que buscam manter sua independência. Essa classe começa a ser cada vez mais vista pela sociedade, como contratados independentes, que trabalham em casa ou no espaço de clientes, e buscam sociabilidade ou compartilhamento de informações que julgam necessários para seu sucesso e desenvolvimento.

Assim, cada pessoa possui motivações próprias geradas por necessidades distintas. Para Gil (2009, p. 203), a motivação de uma pessoa depende de impulsos interiores, sendo considerada a “mola da ação”. Spector (2012, p. 210), também entende a motivação como um “estado interno que leva a pessoa a se envolver em determinados comportamentos que vão além da aptidão ao trabalho”.

Apesar de complexo, há vários estudos que vinculam problemas de comunicação, centralização de poder e falta de liberdade, — principalmente em ambientes competitivos como o do trabalho —, à falta de motivação (Volpato e Cimbalista, 2002). Estudos dos psicólogos Knight e Haslam (2010) indicaram que quanto mais controle as pessoas têm sobre o seu ambiente de trabalho — alto envolvimento no ambiente e menor vigilância —, mais felizes e motivadas são em relação às tarefas.

As relações sociais também têm se mostrado um fator importante na produtividade e na motivação, desde Mayo, em 1933. Tais relações sociais tendem a gerar significativos benefícios, pois os colegas se veem apoiados pelo ambiente, principalmente em ambientes de *coworking*, onde a aprendizagem também pode ser feita de maneira informal (JISC, 2004).

Porém, além do fator intrínseco, é importante lembrar que o ambiente externo também pode afetar o desempenho de tarefas de muitas maneiras. Como colocado por Spector (2012) o espaço pode influenciar diretamente a motivação, levando a um maior ou menor empenho. Para ele, o ambiente pode ser estruturado para promover o desempenho, facilitando para funcionários realizarem o seu trabalho, ou pode conter restrições que interfiram no desempenho. “Exemplo dos aspectos físicos são detalhes como iluminação, níveis de ruído, design e equipamentos”. (SPECTOR, 2012, p. 290).

Knight e Haslam (2010) também concluíram que as pessoas se identificam mais, se sentem melhor e são mais produtivos quando o ambiente em que se trabalha são decorados e “leves”, com plantas, decoração, arte, dentre outros elementos ambientais, do que quando são mais vazios e extremamente funcionais.

O espaço físico também influencia diretamente a interação social, principalmente no caso de *coworking*, por geralmente possuírem ambientes de convívio social, como cafés e até mesmo bares abertos ao público. Esses espaços são usados pelos *coworkers* para relaxar, assim como para propiciar convivência e trocas entre os visitantes do ambiente (CAPDEVILLA, 2015). Para JISC (2004), os dados de utilização provaram o valor dessas áreas.

Para Surman (2013, p. 192) “a interação entre novas ideias e perspectivas e o acesso a novas ferramentas, pessoas, conhecimentos e recursos são extremamente necessários para a motivação pessoal e a inovação” que, na maioria das vezes, surge à medida que as pessoas aprendem rapidamente e veem oportunidades que podem explorar.

2.6 A situação dos *coworkings* atualmente

O censo Coworking Brasil é uma plataforma que desde 2015 vem mapeando a evolução do mercado de espaços de trabalho compartilhado no Brasil. Em 2015, havia apenas 238 espaços de *coworking* identificados no Brasil, passando para o total de 1497 no ano de 2019. Houve crescimento de 25% em relação ao ano anterior.

De todas as cidades do Brasil, São Paulo (SP) continua líder no *ranking* por região e apresentando muito crescimento. Esses espaços de trabalho compartilhado se encontram em 195 municípios brasileiros, sendo Roraima o único estado onde não foi encontrado um espaço ativo. Na região de Brasília, foram localizados 42 *coworkings* em funcionamento.

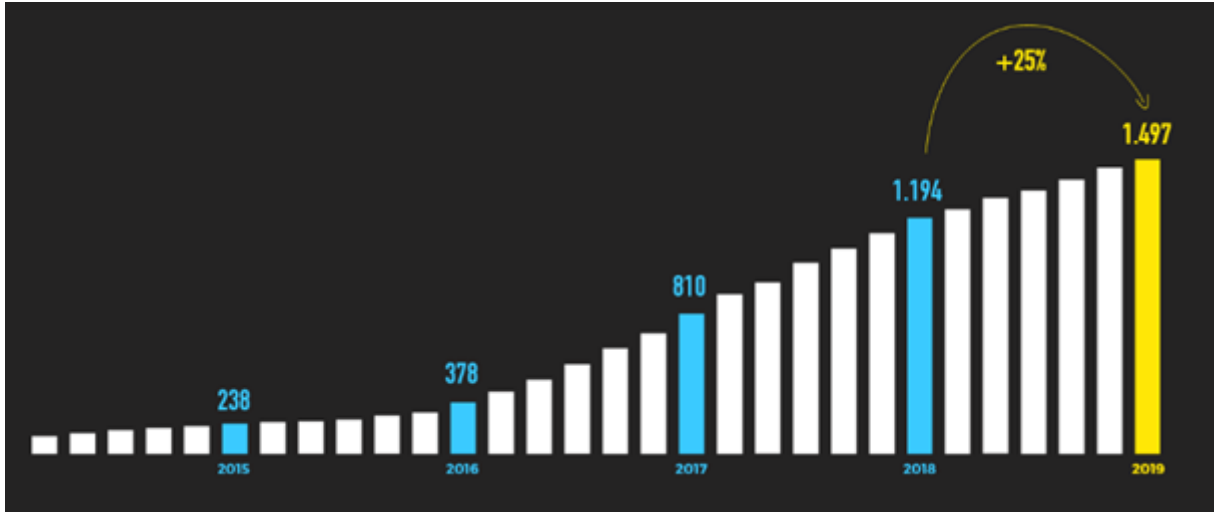


Gráfico 2 – Evolução no mercado de *coworkings* no Brasil.

Fonte: Censo Coworking Brasil 2019

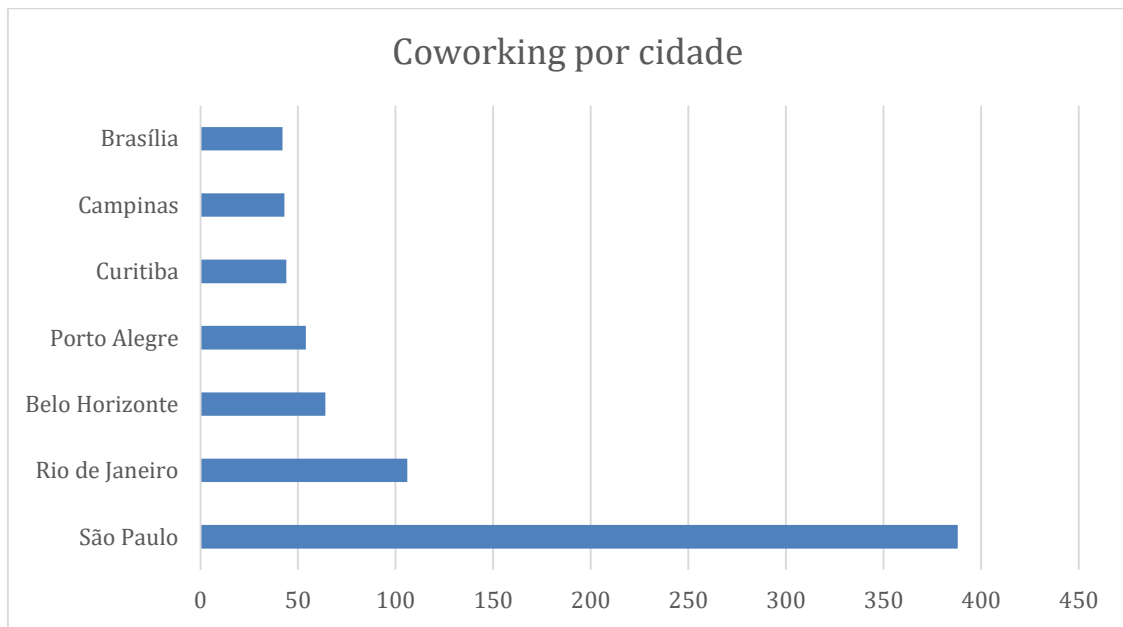


Gráfico 3: Coworking por cidade.

Fonte: Censo Coworking Brasil 2019

3.0 Métodos e procedimentos de pesquisa

Para o alcance dos objetivos do presente trabalho, realizou-se um estudo de caráter exploratório sobre o conceito de economia compartilhada no ramo do trabalho: os *coworkings*, bem como seu impacto na vida dos trabalhadores.

Segundo Gil (1999) a pesquisa exploratória visa obter um contexto geral sobre um fenômeno ou um determinado tema que é ainda pouco pesquisado. Sendo o objetivo dessa abordagem “estimular o próprio pensamento científico, por meio da concepção mais aprofundada de um problema e da geração de novas ideias ou hipóteses a serem testadas em pesquisas futuras” (DIAS, 2002, p. 2).

Para Gil (1999) a pesquisa exploratória visa proporcionar uma familiaridade em relação ao tema, bem como o aprimoramento de ideias ou descobertas de intuições. Essas pesquisas geralmente são mais flexíveis, assumindo a forma de levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiência prática com o que está sendo pesquisado e uma análise que estimule a compreensão.

Seguindo o modelo de pesquisa exploratória colocada por Gil (1999), essa pesquisa teve como objetivo proporcionar uma maior familiaridade e obter respostas sobre como os *coworkings* (modelo de trabalho da economia compartilhada) podem impactar nos processos de motivação e inovação dos trabalhadores.

Para isso, essa pesquisa utilizou-se uma pesquisa documental um levantamento bibliográfico, incluindo livros, artigos publicados em periódicos e encontrados na internet, a partir das palavras-chaves como: *coworking*, consumo colaborativo, economia compartilhada, motivação e inovação e após, foram realizadas entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, ou seja, que trabalharam em ambientes de *coworking* e puderam sentir o impacto desse modelo em sua própria vida. Para Malhotra (2006), a entrevista pode vir a ser um instrumento fundamental para a coleta de informações que contribuem para a melhor compreensão do tema, assim como o entendimento dos impactos por ele gerados. Após a realização das entrevistas, os exemplos foram analisados de forma que se chegasse a uma compreensão.

Desse modo, esse trabalho optou-se por realizar a entrevista como método. Para isso, confeccionou-se perguntas de caráter exploratório, com o objetivo de analisar os impactos que o *coworking* produz na forma de trabalhar, bem como nos processos de motivação, de

criatividade e de inovação. As perguntas foram abertas, para que os participantes pudessem responder de forma mais flexível.

3.1. Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com roteiros semiestruturados e a amostra escolhida por conveniência. O levantamento de dados foi entre julho/2020 e dezembro/2020. As entrevistas foram realizadas por meio de Whatsapp, devido ao contexto da pandemia, e respondidas pelos participantes via áudio. Posteriormente, para melhor organização dos dados e para análise, as entrevistas foram transcritas para a plataforma Google Forms. No total, 12 pessoas participaram das entrevistas. Essas pessoas responderam a 21 questões, sendo 3 de cunho sociodemográfico e 18 referentes ao tema proposto (detalhes no apêndice)

3.2 Caracterização da amostra

Foram entrevistados 12 pessoas de ambos os sexos, com idade entre 23 e 45 anos, podendo ter qualquer grau de escolaridade e serem de qualquer profissão. O único requisito foi trabalhar ou já ter trabalhado num ambiente de *coworking*. Todos os participantes eram de Brasília (DF) e foram identificados através de grupos aleatórios de Whatsapp.

3.3 Procedimentos de coletas e análise de dados

Os dados extraídos das entrevistas foram analisados contemplando a revisão de literatura desta pesquisa. As respostas provenientes do questionário foram consideradas de forma a tentar compreender qual a visão de cada entrevistado sobre o ambiente do *coworking* e seus impactos para o trabalho e nos processos de motivação, de criatividade e de inovação.

Para Bardin (1979), a análise de conteúdo abrange as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão dos conteúdos, com a finalidade de se efetuarem deduções lógicas e justificadas a respeito da origem desse conteúdo (que os transmitiu, contexto, o efeito que se pretende causar por meio delas). A análise de conteúdo possui uma função heurística, que visa enriquecer a pesquisa exploratória, aumentando a propensão à descoberta e proporcionando o surgimento de hipóteses quando se examinam mensagens pouco exploradas anteriormente e

uma função administrativa de prova, ou seja, servir de prova para se verificar as hipóteses apresentadas sob a forma de questões ou afirmações provisórias.

O tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação se realiza então através de inferências do pesquisador, que realiza suas interpretações de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos, ou identifica novas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material. Os resultados obtidos, aliados ao confronto sistemático como material e às inferências alcançadas, podem servir a outras análises baseadas em novas dimensões teóricas ou em técnicas diferentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas obtidas por meio do questionário revelaram importantes informações sobre o ambiente do *coworking*, seus impactos para os processos do trabalho, assim como nos processos de motivação, de criatividade e de inovação de seus usuários. Estas respostas foram analisadas de acordo com os objetivos propostos pela pesquisa e os principais aspectos abordados pela literatura.

4.1 Visão do ambiente de *coworking*

Quando questionadas sobre o espaço físico de seus *coworking*, todos os 12 respondentes deram respostas positivas em relação ao seu ambiente de trabalho. Dentre as respostas, viu-se a tendência sobre como o próprio espaço físico “alimenta” as trocas e os *networkings* em geral. Cinco dos 12 respondentes afirmaram a funcionalidade do ambiente e como proporciona um ambiente descontraído.

Respondente 4	“O espaço físico em si é muito bom. Todos os <i>coworkings</i> que já fui tem uma estrutura muito boa... mesas, cadeiras, <i>puffs</i> . Tende a ter bons espaços pra tomar café, copa, cozinha, coisas nesse sentido “pra” [<i>sic</i>] você se sentir bem à vontade.”
---------------	---

Respondente 6	“É um ambiente claramente propício ao <i>networking</i> , por ter bastante área de espaço comum, ping-pong, lugar de almoçar, café etc... Sinto que é pensado para trabalhar a criatividade, porque o Colmeia <i>Coworking</i> tem muita coisa de arte, exposição de quadros...”
Respondente 8	“Muito legal! Bem estruturado. Tem café, o que “quebra um super galho”, sala de reuniões”

Além disso, quando questionados sobre o colaborativismo nesses ambientes, 12 dos 12 entrevistados responderam que se viam em um ambiente mais colaborativo do que competitivo, apesar de 2 deles afirmarem que pode haver alguns momentos de competição.

Respondente 1	“Não vi competitividade. Mas o colaborativismo realmente existe. É um ajudando o outro.”
Respondente 6	“Eu vejo o ambiente de <i>coworking</i> extremamente colaborativo, “pra” [sic] ser sincera não vejo nada de competitivo, pelo menos nos que eu frequentei. O Manifesto <i>Coworking</i> inclusive tem uma proposta muito forte de criar comunidade de troca, de colaboração. Então eu acho que é bem colaborativo, e a bandeira do <i>coworking</i> é essa de forma geral.”
Respondente 4	“Normalmente o colaborativismo é a principal bandeira dos ambientes de <i>coworking</i> . “Tipo”, a competição às vezes existe sim, principalmente quando tem uma empresa no mesmo ramo que atuam na mesma área, vi que rolava uma certa competição, mas em linha geral, a tendência é as empresas colaborarem mesmo sendo do mesmo ramo mesmo e exercendo a mesma atividade”

Sobre acessibilidade, apenas 2 pessoas confirmaram que acham bem acessível. Outras pessoas não souberam responder, pois só trabalham em uma empresa que está em um desses

ambientes, e algumas falaram que depende (da quantidade de dias, localização geográfica, renda mensal) e 1 entrevistado acha que não é acessível.

Respondente 3	“Não faço ideia, porque não sou eu que pago o espaço. Mas não vejo que é um lugar com tanta diversidade assim. No lugar que trabalho tem mais <i>startups</i> com poucos funcionários do que pessoas de todo o tipo.”
Respondente 5	“Então, não é o lugar mais acessível do mundo, mas depende do tipo de cliente, se é autônomo ou empresa. Não é acessível, assim, para todo mundo, um plano de <i>coworking</i> varia, mas para você trabalhar todos os dias acho que a média deve ser uns +/- 500, 600 reais por mês... mas eu acho que para quem é autônomo e para quem tem condição de pagar pela empresa vale muito a pena, justamente pelo tanto que você vai conseguir vender seu trabalho, porque a gente está vendo principalmente agora na quarentena, que ficar em casa olhando para mesma parede todos os dias da sua vida não é exatamente a melhor coisa para quem precisa trabalhar com criatividade. Então não é extremamente acessível não, mas diria que vale a pena.”
Respondente 10	“Não acho que <i>coworkings</i> são acessíveis em Brasília e vejo que a maioria dos <i>coworkings</i> , principalmente no plano piloto, não tem interesse em tornar esse tipo de ambiente acessível financeiramente nem socialmente, vejo ainda muita divisão no sentido social. Fisicamente sim, são espaços que estão cada vez mais preparados para atender a vários tipos de pessoas”
Respondente 11	“Bom, acho que depende. Mas eu vejo como acessível! É um preço bom para não ter que se preocupar com limpeza, internet, “etc.” [sic]”

4.2 Impactos do ambiente *coworking* para os processos do trabalho

Os processos de trabalho envolvem desde o fator que levaram os respondentes a procurar um *coworking* como local de trabalho, o nível de satisfação e de acessibilidade até a parte que diz respeito as relações interpessoais desenvolvidas no ambiente e seus impactos no trabalho.

A primeira pergunta foi o que os levaram a procurar o ambiente de *coworking*. Duas respostas surgiram entre os 12 entrevistados: ou começaram a trabalhar em uma organização que tinha sede em um desses ambientes ou então precisavam da estrutura do espaço físico que esse ambiente oferece. Para 80% dos respondentes, foi a primeira opção.

Respondente 7	“Durante a pandemia tive dificuldades para trabalhar em casa, por motivos pessoais, como meu filho em casa, dificuldade de concentração. Senti muita falta de ter um ambiente mais adaptado, que não fosse tão relacionado com o meu ambiente pessoal.”
Respondente 8	“Eu trabalho numa agência de publicidade e estamos começando agora. Por causa de grana mesmo, virou um lugar interessante e mais acessível “pra”[sic] ele. Por enquanto sou só eu e um colega, que senta do meu lado.”
Respondente 12	“Trabalhava em uma startup onde a sede era no Colmeia <i>Coworking</i> em Águas Claras. Então não procurei, mas a empresa em que trabalhava estava lá”

Sobre o nível de satisfação até o momento, apenas 2 pessoas responderam que já tiveram algum problema em relação a concentração e que preferem trabalhar em ambientes tradicionais. 10 estão satisfeitas com o ambiente. Dessas 10, 5 responderam que foi até melhor do que esperavam.

Sobre frequência e tempo que trabalham no local: 8 pessoas frequentam o ambiente de segunda a sexta, no horário comercial. 4 pessoas responderam que vão de 2 a 4 vezes na semana.

Quando questionados sobre como trabalhar em um *coworking* tem impacto no trabalho, as tendências de respostas foram:

A questão de trocas com pessoas e networking: 9 entrevistados citaram o fator troca e *networking*.

Respondente 1	<p>“Eu vejo que o impacto no trabalho se dá em vários aspectos. Como eu citei antes, o principal “pra”[sic] mim foi essa questão de fazer conexões, conhecer pessoas novas, gerar novos aprendizados, isso é uma coisa que o <i>coworking</i> possibilita muito. Você conhece pessoas e as pessoas contribuem para o seu dia a dia, para o seu negócio então frequentemente. Também acontecia muito da gente estar em alguma área de ambiente comum e ia trocar ideia com alguém de outra empresa e acabava rolando uma troca de opiniões e tal. Sem contar que trabalhando nesses ambientes já consegui apresentar meu trabalho pra pessoas e também já consegui clientes de consultoria, enfim eram várias oportunidades de me aperfeiçoar.</p> <p>“</p>
Respondente 2	<p>“No meu caso o <i>coworking</i> era o trabalho, o impacto principal é a criação de uma rede, de um organismo com vida própria, ver empresas diferentes desenvolvendo projetos juntas e se ajudando é o objetivo final. As empresas precisam ser maiores que o espaço e o espaço cresce através delas.”</p>
Respondente 12	<p>“Tem impacto porque não tem tanta privacidade, mas ao mesmo tempo tem mais troca, então é mais legal de pegar opinião, de tentar ideias novas e tal. É mais renovador ir “pro” [sic] trabalho também, porque eu já tinha na mente aquele ambiente legal. “</p>

A estrutura do espaço físico:

Respondente 10	“Impactou de forma positiva no sentido de oferecer bastante conforto, tecnologia na medida certa, bastante segurança no trabalho. Além de ser dinâmico. Senti impacto sim.”
----------------	---

E não sentiu impacto:

Respondente 11	“Ainda não observei, até mesmo porque os <i>coworking</i> ainda estão mais vazios, não voltaram a funcionar com todo o gás que tinha antes. Mas até o momento acho que não observei nenhum impacto positivo ou negativo.”
----------------	---

Sobre como se desenvolvem as relações interpessoais nesses ambientes, por unanimidade, os entrevistados citaram que essas relações são desenvolvidas naturalmente, no dia a dia, pois o próprio ambiente parece propiciar essa troca de relações.

Vê-se:

Respondente 2	Vejo que bastante coisa no <i>coworking</i> favorece o desenvolvimento de relações. Espaços compartilhados, gestores de comunidade, áreas comuns de convivência e espaços criativos. E isso tem bastante impacto no trabalho.
Respondente 5	“Então, é um ambiente muito próspero pra relações porque são pessoas "disponíveis" a essa troca. Geralmente quem não “tá” [<i>sic</i>] interessado nesse tipo de coisa social nem chega a procurar um <i>coworking</i> . Vejo que quem procura é quem quer esse contato humano então as pessoas se colocam muito mais abertas e isso é legal porque geralmente esses lugares tem eventos, palestras, áreas de espaço comum e isso favorece.”

Respondente 12	“É de forma natural, por causa das áreas de espaço comum. Então acaba que acontece naturalmente na hora do lanche, do almoço, todo mundo se junta, “troca ideia” [sic], joga um ping pong ...”
----------------	--

Um dos 5 valores principais dos *coworkings* é a questão da sustentabilidade. Foi feita uma pergunta em relação a sustentabilidade, para saber se esse fato havia sido um fator importante para que tomassem a decisão de trabalhar em um ambiente compartilhado (compartilhamento de internet, água, luz, energia e do próprio espaço físico. No entanto, todos os 12 entrevistados colocaram que é uma questão interessante, mas não um fator determinante para essa procura.

Respondente 2	“Sustentabilidade é importante, mas não foi o fator motivante, e não vejo que seja na maioria dos <i>coworkings</i> . Acaba acontecendo por ser um fator natural de ambientes de compartilhamento. Acaba privilegiando a busca por isso”
Respondente 11	“O próprio compartilhamento do espaço, divisão de água, luz, “etc.” [sic] já é um princípio de sustentabilidade né, mas não acho que seja o ponto que faça ter procura, ainda não estamos tão evoluídos “

4.3 Impacto nos processos de motivação

Gondin e Silva (2014, p.173) colocam que “o processo motivacional é multicausal, podendo envolver vários aspectos biológicos, psicológicos, históricos, sociológicos e culturais”, o que por essa razão se torna uma questão relativa de indivíduo para indivíduo. Durante a entrevista, eles foram questionados se de algum modo eles perceberam impactos no processo de motivação e produtividade. As respostas foram bem diferentes, apesar de inclinadas para o sim. Muitas pessoas responderam que acham essa questão difícil de medir. No entanto,

50% dos entrevistados citaram que ir para o trabalho se tornou mais motivante ou que o espaço em si o é.

Seguem algumas respostas:

Respondente 6	“Estou achando uma experiência diferente. É legal porque oferece uma estrutura interessante, então isso causa um impacto bom. É um ambiente motivante de estar. Mas não vi interferência no processo de produtividade. Continuo produzindo o mesmo que produzia no meu ambiente de trabalho tradicional. Porém, melhor do que em casa. ”
Respondente 9	“Eu achei uma experiência diferente. O fato de ter espaços abertos e diferentes era bom para produtividade. Motivação é muito relativo. “
Respondente 12	“Acho que sim, é uma coisa muito difícil de medir né, mas “pra” [sic] mim teve diferença sim. A gente tem uma “parada” mais descontraída, pode sair “pra” [sic] tomar um café, “pra” [sic] conversar, acaba sendo “mais de boa” o processo do trabalho. “

Além disso, eles foram questionados se se sentem melhor em ambientes de *coworking* ou ambientes tradicionais de trabalho. Também foi uma questão que teve bastante divergência. Essa pergunta teve 3 tendências de respostas. As pessoas que preferiam o local de trabalho tradicional, por ser mais privado. As pessoas que se sentiam melhor em *coworking* pela dinamicidade do ambiente, e pessoas que não souberam dizer a influência (para elas o que importa é estar em um lugar confortável)

Respondente 2	“Me sinto mais motivado em local próprio de trabalho que seja confortável, não <i>coworking</i> ; se eu pudesse escolher, escolheria espaço próprio. Porém financeiramente e logisticamente nem
---------------	---

	sempre é possível, então pelo custo benefício acaba podendo valer a pena.”
Respondente 7	“Eu gostava bastante do meu espaço de trabalho antigo. Porque tinha meus colegas de trabalho e era um ambiente mais “privado”, o que é bom também.”
Respondente 8	“Com certeza em espaço de <i>coworking</i> , é mais animador do que ir todo o dia “pro” [sic] mesmo lugar fechado, aquele ambiente tradicional, nada de novo acontece. Nos <i>coworkings</i> as pessoas mudam, a gente tem mais abertura e mais troca.”

4.4 Impacto nos processos de criatividade

Os entrevistados foram questionados se acreditavam que trabalhar em um ambiente de trabalho compartilhado tinha causado algum impacto no processo criativo. Nove pessoas responderam que sim, devido a toda a questão das trocas de ideias e compartilhamentos que acontecem nesses espaços. Outros acreditam que sim, mas pela questão do espaço físico ser diferente e mais dinâmico. Para os outros 3 entrevistados, não haviam percebido diferenças no processo criativo.

Respondente 1	“Sim, vejo isso claramente. Pelo ambiente em si. Já trabalhei em escritório tradicional e é muito desmotivante as vezes. O <i>coworking</i> é muito vivo, pelo menos onde trabalho tem arte, tem eventos, galerias... então impacta claramente “pra” [sic] mim. ”
Respondente 12	“Isso eu diria que com certeza. Essa “troca de ideia” entre as pessoas abre muito a cabeça. Acho que o ambiente ajuda também.”

Respondente 8	“Talvez. Não sei responder com certeza. O meu trabalho também não exige tanta criatividade. A minha busca pelo <i>coworking</i> foi mais pela necessidade do espaço.”
---------------	---

4.5 Impacto nos processos de inovação

Os entrevistados foram questionados se achavam que esses ambientes de trabalho compartilhados eram propícios para o processo de inovação e porquê. 100% dos entrevistados responderam que sim e o motivo mais citado foi a troca de experiências entre a comunidade do ambiente. 2 pessoas citaram a questão da descontração do espaço físico.

Respondente 1	“Sim. Porque há mais troca. É sempre diferente, mais descontraído. Me deixava menos estressado do que trabalhar em um escritório tradicional. “
Respondente 4	“Acho que sim, que são ambientes muito propícios para inovação, até porque o modelo não é tradicional, o que leva as pessoas a já saírem da sua caixinha de pensamento, das suas empresas, da salinha, enfim, dos ambientes só seus, para compartilhar com outras pessoas que podem ser ou não do seu nicho de trabalho, então isso por si só já é uma inovação né... e aí quando você está lá dentro, por exemplo, você tem contato com muita coisa diferente, porque você troca com pessoas diferentes, que estão fazendo coisas diferentes, de empresas diferentes, então este contato possibilita inovar e fazer várias coisas diferentes.”
Respondente 10	“Acho sim, porque é um lugar mais descontraído, dá a impressão de ser mais “livre”.

4.6 Impactos do Home Office

A última pergunta do questionário faz referência sobre a pandemia de Covid-19. Os entrevistados foram questionados de como acham que a pandemia afetou o contexto do trabalho e se acham que terá algum impacto no futuro desses ambientes compartilhados e porquê.

Respondente 1	“Acho que muita gente vai buscar esses ambientes, porque as pessoas aprenderam a trabalhar de casa, mas ninguém consegue ficar isolado em casa tanto tempo. Então “na real” [sic] acho que “pros” [sic] <i>coworkings</i> vai ser muito bom.”
Respondente 4	“Acho que isso vai ter um grande impacto, porque agora as pessoas aprenderam a compartilhar ambiente virtual também “hahaha” [sic]. Claro que não é a mesma coisa e que nem todo mundo vai querer ir por esse caminho de se adaptar do presencial ao online, mas agora essa possibilidade foi forçada e as pessoas viram que é possível trabalhar sem um escritório, sem um ambiente único ali.... Sem contar na redução de custos e despesas que isso causa. Mas é um futuro incerto porque aconteceu também muito a falta do social.”
Respondente 6	“Então, sobre o futuro do trabalho eu acho que vai ter uma tendência muito grande das pessoas migrarem para os <i>coworkings</i> ... não agora nesse momento porque não é prioridade em questão financeira para muitas empresas que estão quebrando ou tendo que reduzir o orçamento, nem mesmo para as pessoas físicas, mas eu acho que a longo prazo isso já era uma tendência. Muitas pessoas, muitas empresas já adotaram o remoto definitivamente mesmo, então eu acho que vai crescer muito, e eu acho isso ótimo porque a liberdade que você tem de poder trabalhar em lugares diferentes, poder escolher trabalhar um dia na sua casa, escolher trabalhar um dia no <i>coworking</i> e aderir uma rotina mais de trabalho, te dá mais possibilidades de buscar o que é melhor pra você.”
Respondente 10	“As pessoas tiveram que se adaptar a essa maneira a distância né, mas eu acho que vai ser bom pro modelo de trabalho compartilhado, porque agora muitas empresas decidiram manter esse modelo, e as pessoas vão começar a sentir falta do convívio com outras e a ter um espaço de trabalho que seja diferente.”
Respondente 11	“Não sei dizer, agora as pessoas conheceram o ponto positivo de trabalhar em casa, de não ter que se locomover, pegar trânsito, ficar à vontade, economizar dinheiro com escritório e produzir no seu tempo... tem bastante sentido isso, mas quando as emoções entram em campo, é difícil ficar muito tempo isolado. depende de cada um então.”

Em uma análise das respostas dos 12 entrevistados, vê-se que o futuro ainda é muito incerto, mas 9 dos 12 citaram que pode haver um aumento da procura por esses ambientes principalmente pela dificuldade do isolamento de trabalhar em casa e pelos benefícios da questão do convívio social. 2 pessoas citaram que apesar do isolamento, trabalhar de casa pode apresentar muitos benefícios e 1 pessoa não soube opinar no momento.

5. CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Os espaços de *coworking* aparecem cada vez mais como uma nova forma de organização do mercado de trabalho, capaz de aliar a flexibilidade aos desejos de autonomia e de liberdade de um novo perfil de trabalhador (Zanon, 2018). Desse modo, o presente trabalho mostra através da literatura atual as principais características e valores desse novo espaço e como este pode impactar no processo de trabalho.

Analisando as entrevistas realizadas, pode-se perceber que há mudança no comportamento dos *coworkers*, principalmente no que diz respeito aos benefícios da interação com os outros usuários –*networking*–, que os tornaram mais extrovertidos, contribuindo para a criação de novas ideias e para um maior campo de conhecimento. O espaço de *coworking* superou as expectativas da maioria dos entrevistados e percebe-se também que trabalhar nesses ambientes traz privilégios que vão além do *networking*, como a economia financeira e a possibilidade de trabalhadores independentes poderem ter acesso a suprimentos de escritório e a dinamicidade que o ambiente oferece, o que pode estimular vários outros processos.

No que diz respeito ao futuro dos ambientes de trabalho compartilhado depois da pandemia do COVID-19, apesar de ser um futuro incerto, é provável que as pessoas procurem esses espaços buscando um convívio social e equipamentos de trabalho que não podem ser proporcionados pelo trabalho em casa.

Na literatura ainda não se tem informações concretas a respeito do impacto e benefícios que pode possuir tais ambientes, apesar de ser um modelo em constante expansão no Brasil. Mas percebe-se que esse modelo traz alterações no comportamento dos usuários, tendo em vista a troca de conhecimento, que gera maior criatividade e motivação e por não estar mais dentro de um modelo de competição, e sim de cooperação e compartilhamento, diferente dos escritórios tradicionais.

O método utilizado no presente trabalho não busca generalizações. A quantidade da amostra foi relativamente pequena, podendo haver algum viés nas informações. A análise qualitativa possui limitação, porque vai de acordo com a interpretação do pesquisador. Importante lembrar que as entrevistas foram realizadas durante a pandemia do covid-19, onde as pessoas estão vivendo um período diferente no contexto do trabalho também.

Além da questão da amostra, também há a limitação geográfica. Os dados obtidos pela pesquisa qualitativa são uma demonstração do impacto dos *coworkings* nos aspectos motivacionais e criativos de *coworkers* da região de Brasília (DF), não impedindo que tais fatores vão ser os mesmos para outras regiões do país, devendo ser levadas em contas as diferenças culturais e econômicas dos diferentes estados e cidades do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice Lima Soriano de. **Promovendo um ambiente favorável à criatividade nas organizações**. RAE-Revista de Administração de Empresas, [S.l.], v. 38, n. 2, p. 18-25, abr. 1998.

ALENCAR, E. M. L. S.; SOBRINHO, A. B. F. **A gestão da criatividade**. Curitiba, PR: Prismas, 2017.

ANDRADE, Helena da Gama Cerqueira et al. **I share, therefore I am?** The (re) construction of consumer identity by collaborative consumption. REBRAE, v. 10, n. 1, p. 167-182, 2017.

BARCELLOS, Ekaterina Emmanuël Inglesis; BOTURA JR, Galdenoro. **COWORKING: AMBIENTE COMPARTILHADO, INOVAÇÃO E FERRAMENTA COLABORATIVA**. Academia.edu, 2016.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979. 229 BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organisational analysis**. London: Heinemann, 1979

BEDANI, Marcelo. **O impacto dos valores organizacionais na percepção de estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho**. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 13, n. 3, p. 150-176, 2012.

BELK, Russell. **You are what you can access**: Sharing and collaborative consumption online. Journal of business research, v. 67, n. 8, p. 1595-1600, 2014.

BENNETT, John. **Informal firms in developing countries**: entrepreneurial stepping stone or consolation prize? Small Business Economics, v. 34, n. 1, p. 53-63, 2010.

BÖCKMANN, Marco. **The Shared Economy**: It is time to start caring about sharing; value creating factors in the shared economy. University of Twente, Faculty of Management and Governance, 2013.

CAMPOS, João Geraldo. et al. "**Coworking Spaces**: Concepts, Types and Facilities, 2015.

CAPDEVILA, Ignasi. **Co-working spaces and the localised dynamics of innovation in Barcelona**. International Journal of Innovation Management, v. 19, n. 03, p. 1540004, 2015.

CASTILHO, Marcelo F.; QUANDT, Carlos O. **Collaborative capability in coworking spaces**: convenience sharing or community building? Technology Innovation Management Review, v. 7, n. 12, 2017.

CHIAVENATO, Idalberto. **Comportamento organizacional**: a dinâmica do sucesso das organizações. Editora Manole, 2005.

DA SILVEIRA, Lisilene Mello; PETRINI, Maira; DOS SANTOS, Ana Clarissa Matte Zanardo. **Economia compartilhada e consumo colaborativo**: o que estamos pesquisando? REGE-Revista de Gestão, v. 23, n. 4, p. 298-305, 2016.

DALLA COSTA, Armando; DE SOUZA-SANTOS, Elson Rodrigo. **Economia criativa**: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. Revista Economia & Tecnologia, v. 7, n. 2, 2011.

DE CARVALHO, Agenor Manoel. **O impacto da tecnologia no mercado de trabalho e as mudanças no ambiente de produção**. Revista Evidência, v. 6, n. 6, p. 154, 2012.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em Revista, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.

DURANTE, Giacomo; TURVANI, Margherita. **Coworking, the sharing economy, and the city**: which role for the 'coworking entrepreneur'? Urban Science, v. 2, n. 3, p. 83, 2018.

FABBRI, Julie; CHARUE-DUBOC, Florence. **Exploring the everyday life of entrepreneurs in a coworking space**. In: XXIIIème conférence annuelle de l'AIMS. p. 1-37, 2014.

FONSECA, J.F. **A contribuição da ergonomia ambiental na composição cromática dos ambientes construídos de locais de trabalho de escritórios**. 2003. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FUZI, Anita; CLIFTON, Nick; LOUDON, Gareth. **New in-house organizational spaces that support creativity and innovation: the co-working space**. R&D Management Conference, 3-6 June, Stuttgart, 2014.

GANSKY, Lisa. **The mesh: why the future of business is sharing**. Editora Pearson, 2010.

GANDINI, Alessandro. **The rise of coworking spaces: A literature review**. Ephemera 15(1), 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. Editora Atlas SA, 2000.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HAMARI, Juho; SJÖKLINT, Mimmi; UKKONEN, Antti. **The sharing economy: Why people participate in collaborative consumption**. Journal of the association for information science and technology, v. 67, n. 9, p. 2047-2059, 2016.

HILLMAN, A. (2008) **6 Reasons to Start Coworking**. Disponível em: <http://mashable.com/2008/11/07/reasons-to-start-coworking>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

JISC, & Marmot, Alexi & AMA, 21st Century Learning Space Design. JOINT INFORMATION SERVICES COMMITTEE et al. JISC designing spaces for effective learning: **A guide to 21st century learning space design**. 2006.

KEPLER, J. **O que você deve saber sobre a nova economia compartilhada**. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/negocios/o-que-voce-deve-saber-sobre-a-nova-economia-compartilhada/91351/>> Acesso em 09/03/2020

LUMLEY, Risa M. "**A coworking project in the campus library**: supporting and modeling entrepreneurial activity in the academic library." *New Review of Academic Librarianship*, p. 49-65, 2014.

MANZINI, Eduardo José. **Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação**. *Revista Percurso*, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MARTIN, Paul. **Making space for creativity**. Creativity Centre, University of Brighton, 2010.

MEDINA, Paloma Fraga; KRAWULSKI, Edite. **Coworking como modalidade e espaço de trabalho**: uma análise bibliométrica. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 18, n. 2, p. 181-190, 2015.

MERKEL, J. **Coworking in the city**. *Ephemera*, 15(2), pp. 121-139. 2015

MESQUITA, Luiza AF; POZZEBON, Marlei; PETRINI, Maira. **Construindo espaços de interação social a partir de relações e práticas de trabalho compartilhado**. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 24, n. 2, p. 181-196, 2020.

MONT'ALVÃO, Dr^a Cláudia. **A contribuição da ergonomia ambiental na composição cromática dos ambientes construídos de locais de trabalho de escritório**. 2004. Tese de Doutorado. PUC-Rio

MORISSET, Bruno. Building new places of the creative economy. **The rise of coworking spaces**. Hal, 2013.

MOTTA, Paulo Roberto. **Transformação Organizacional**: a teoria e a prática de inovar. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 1998

MUHRBECK, Anton; WALLER, Richard; BERGLUND, Martin. "**Coworking: a creative workspace**." Tese Doutorado, Jönköping University, 2011.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração, Catalão: UFG, 2011.

PEARCE-NEUDORF, Justin. **Collaborative Innovation**: A shared discourse within Phnom Penh's coworking community. Malmö högskola, Faculty of Culture and Society, 2014.

RUS, Andrej; OREL, Marko. **Coworking: a community of work**. Teorija in Praksa, v.52, n.6, 2015.

SCHOR, Juliet et al. **Debating the sharing economy**. Journal of Self-Governance and Management Economics, v. 4, n. 3, p. 7-22, 2016.

SPINUZZI, Clay. Working alone together: **Coworking as emergent collaborative activity**. Journal of business and technical communication, v. 26, n. 4, p. 399-441, 2012.

SPINUZZI, Clay et al. "**Coworking Is About Community**": But What Is "Community" in Coworking? Journal of Business and Technical Communication, v. 33, n. 2, p. 112-140, 2019

SOARES, Juliana Maria Moreira; SALTORATO, Patricia. **Coworking, uma forma de organização de trabalho**: conceitos e práticas na cidade de São Paulo. AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, v. 4, n. 2, p. 61-73, 2015.

SURMAN, Tonya. **Building social entrepreneurship through the power of coworking.** Innovations: Technology, governance, globalization, v. 8, n. 3-4, p. 189-195, 2013.

TAYLOR, Gary; MELLOR, Liam; MCCARTER, Richard. **Work-related learning and the social sciences.** Routledge, 2015

VIEIRA, Ricardo Sérgio Gomes. **Coworking e Ambiente Criativo: Modelo Organizacional para Comunidades Criativas,** EnANPAD XXXIX, 2015.

VISCHER, J. C. **Workspace strategies: environment as a tool for work.** Springer Science and Business Media, 2012.

VOLPATO, Maricilia; CIMBALISTA, Silmara "O processo de motivação como incentivo à inovação nas organizações." Revista da FAE 5.3, 2002.

WAGNER, John. **Comportamento organizacional.** Saraiva Educação SA, 2020.

ZANON, Breilla Valentina Barbosa et al. Rede, **Coworking e emancipação intangível: um olhar sobre a flexibilidade, biopolítica e subjetividade a partir da reestruturação produtiva.** Dissertação – Ciências sociais, Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

APÊNDICES

Questionário

Parte 1 - Dados demográficos

1.Nome

2. Idade

3.Escolaridade

Parte 2

1. Como chegou a esse ambiente de trabalho? O que te levou a procurar um coworking?

2. Há quanto tempo e com que frequência trabalha/trabalhou nesse local?

3.O que você acha sobre as principais diferenças entre um espaço tradicional de trabalho e os ambientes de coworking?

4.Na prática, foi o que você esperava? Porque?

5.Como você acha que trabalhar em um coworking tem impacto no seu trabalho? Pode me dar alguns exemplos ou situações reais?

6. Já passou por alguma situação difícil ou desmotivante?

7.Como você avalia os impactos de trabalhar em um ambiente de trabalho compartilhado? Tem causado algum impacto no seu processo de motivação? E no de produtividade?

8.Você acredita que o coworking tem algum impacto na sua criatividade?

9.O que acha do espaço físico do ambiente em que trabalha/trabalhou?

10.Você acha que ambientes de trabalho compartilhado são propícios para inovação? Porque? Teria exemplos?

11. A economia compartilhada tem como principal aliado a sustentabilidade, você acha que esse é um fator determinante para compartilhar também um ambiente de trabalho ou teriam fatores mais importantes pra você? Pode me contar um pouco mais sobre isso?
12. Em sua opinião, o quão acessível é um coworking?
13. O que você acha sobre o colaborativismo nesse ambiente? Se vê em um ambiente mais colaborativo ou competitivo?
14. Como você acha que se desenvolvem as relações interpessoais nesse ambiente? Como elas impactam no seu trabalho?
15. Você se sente mais motivado em espaços de coworking ou em outros locais de trabalho? Por que?
16. Você acha que outras pessoas podem contribuir com o seu trabalho nesses espaços?
17. Se pudesse descrever o seu ambiente de trabalho com um adjetivo, como o faria?
18. Como você acha que a pandemia afetou o contexto do trabalho? Você acha que terá algum impacto no futuro dos ambientes de trabalho compartilhado? Porque?